

## ***Alejo Carpentier n’O século das luzes: Revolução Francesa no Caribe?***

André Luis Mitidieri-Pereira  
Doutorando em Letras/PUCRS

O gênero romanesco está praticamente associado à idéia de ficcionalidade; caracteriza-se por vir negando as convenções de veracidade, próprias ao relato histórico. Embora a palavra “romance” suscite as mais diversas significações, aqui a tomamos como a narrativa ficcional, constituída por vários núcleos de tensão, pela multiplicidade de conflitos e personagens. As ficções detêm especificidades e, por mais que venhamos a apreciá-las “pelas verdades que revelam, apreciamo-las mais pelas mentiras que contam... Mas o que se não requer da arte é o que se requer da história; descobrir, por chocante que seja a descoberta, como era o velho universo, ao invés de inventar um novo”<sup>1</sup>.

No entanto, todo romance, de uma forma ou de outra, tem sua matéria extraída do real. O estado limítrofe das notações culturais contemporâneas, pelos menos, desde a segunda metade do século XX, vem expondo a dificuldade de se erigir uma barreira que separe a história da literatura, pois ambas se identificam como “construtos lingüísticos, altamente convencionalizadas em suas formas narrativas, e nada transparentes em termos de linguagem ou de estrutura; e parecem ser igualmente intertextuais, desenvolvendo os textos do passado com sua própria textualidade complexa”<sup>2</sup>.

Tendo em mira tais discussões, enfatizamos a interação dos sujeitos do enunciado com o universo extratextual no romance *O século das luzes*<sup>3</sup> do escritor franco-cubano Alejo Carpentier. Nessa narrativa em que o real parece ser forte componente, visamos a uma melhor compreensão dos vínculos aí firmados entre seus espaços, narradores e personagens com os fatos e seres históricos que lhes servem de referente. O texto mostra-se rico a esse objetivo, abastecendo-se nas fontes das histórias

---

<sup>1</sup> GAY, Peter. *O estilo da história* : Gibbon, Ranke, Macaulay, Burckhardt. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 175.

<sup>2</sup> HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção*. Rio de Janeiro: Imago, 1991. p. 141.

<sup>3</sup> CARPENTIER, Alejo. *O século das luzes*. Rio de Janeiro: Labor do Brasil, 1976. CARPENTIER, A. *El siglo de las luces*. Madrid: Alianza, 2003. As citações serão extraídas da primeira edição citada.

pública do Ocidente e da vida privada do Caribe, a fluírem entre o fim do século XVIII e o limiar da posterior centúria.

A costura textual é efetivada a partir do ideário da Revolução Francesa e das tentativas de levar as mensagens do Novo Regime à humanidade. Mais do que urdir um pano de fundo, o intertexto histórico fornece os principais aspectos político-sociais do período em vista, representado no texto. Ainda que crivadas pela concepção de mundo do autor e a função ideológica do narrador, aí se fazem muito presentes: as contradições entre a absorção do Iluminismo, por parte da intelectualidade oriunda de abastadas famílias *criollas*; a predominância da idéia monarquista, do imaginário local e da fé cristã na sociedade latino-americana.

As vozes da historiografia <sup>4</sup> assim nos contam que, em França, o colapso do Antigo Regime provocou rupturas ou, pelo menos, abalos nos sistemas coloniais. A independência das ex-colônias inglesas em 1776 e o ato revolucionário da Convenção, em 1794, acabando com a escravidão em Santo Domingo e Guadalupe, ofereceram novas perspectivas para outras regiões de colonização. No fim do século XVIII, as idéias revolucionárias circulavam pelo Atlântico, assistindo-se a um vendaval de manifestos, periódicos e panegíricos que influenciariam os movimentos de independência em gestação <sup>5</sup>. Aliadas no imaginário popular, a Revolução da França e a Independência dos Estados Unidos polarizavam os corações e as mentes das elites coloniais e do mundo do trabalho latino-americano.

Das metrópoles para as colônias, e vice-versa, o pensamento revolucionário, mesmo com matizes específicos, era gradativamente absorvido e implantado. Contudo, o *perigo francês*, o *jacobinismo* e a *francesia* sempre amedrontaram as forças da contra-revolução. Além disso, em 1791, na colônia de Santo Domingo, hoje Haiti, estourava uma revolução, a reclamar liberdade e igualdade, para que os negros livres e os mestiços fossem autorizados a desempenhar funções públicas. A morte de seu líder, Toussaint-Louverture, esparramou o medo do mito revolucionário (*haitianismo*) durante o século XIX. O perigo de um levante em massa anti-escravidão alarmava tanto o mundo oficial local quanto o comando da *South American Station*,

---

<sup>4</sup> Cf. referências bibliográficas indicadas ao final do ensaio.

<sup>5</sup> Ver: HALPERÍN DONGHI, Tulio. *Historia de América Latina*. Madrid: Aguilar, 1983. JOSEF, Bella. *História da literatura hispano-americana*. 4. ed. rev. aum. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ; Francisco Alves, 2005. p. 31-42. ZAVALLA, Silvio. *El mundo americano en la época colonial*. México: Porrúa, 1967. 2 v.

órgão de controle do império informal da Inglaterra.

Em Guadalupe, os escravos eram emancipados e alfabetizados; seus senhores, guilhotinados: a máquina tipográfica e a guilhotina, instrumentos-símbolo da nova ordem, chegavam à América na época conhecida como a Era de Robespierre. Correspondendo ao domínio dos jacobinos na política francesa, tal período começou em 1792, quando a Convenção Nacional, acumulando os poderes Executivo e Legislativo, passou a dirigir a justiça revolucionária e a administrar o terror. O desenvolvimento desse processo, a degeneração dos revolucionários e a corrupção de suas administrações teriam ocasionado o golpe parlamentar por meio do qual os moderados derrubaram Robespierre no ano de 1794 e devolveram o poder à grande burguesia <sup>6</sup>.

Ao mesmo tempo em que a eliminação do *igualitarismo* diminuiu a influência radical e restaurou o sistema de governo, a criação do Diretório (1795) passou a prever a atuação dos agentes nas colônias. A Revolução (ou uma de suas fases) foi encerrada em 1799, com a criação do Regime do Consulado. O término do monopólio espanhol no Caribe (1796) deteve a pirataria e pôs fim às batalhas entre franceses e ingleses. Os Estados Unidos, porém, declararam guerra à França nos mares da América em 1798. Muitos dos principais homens da Revolução, entre eles, Jean-Collot D'Herbois e Billaud Varennes, membros do poder radical, foram confinados na Guiana.

As elites locais de então preparavam seus projetos espantando os antigos revolucionários, cujo maior exemplo de corrosão e contradição evidenciava-se em seus envolvimento com o tráfico de escravos. Por outro lado, a ambigüidade da presença francesa na América passou a ser uma constante. Isso se agravou após Napoleão Bonaparte haver restabelecido a escravidão nas Antilhas em 1802 e ter proibido, no ano seguinte, a entrada de qualquer homem de cor na França. Os paradoxos da história e das ideologias também nos revelam que a matriz inspiradora das revoluções voltou a se centralizar.

Similarmente aos reinos dinásticos por eles combatidos, os franceses estenderam seus poderes pelo mundo, remoçando um imperialismo que se manteve por quase todo o século XIX. Esse poderio expôs as suas contradições e interesses na Península Ibérica: o Reino de Espanha conservou a política colonialista como pôde,

---

<sup>6</sup> HOBBSAWM, Eric J. *A era das revoluções: Europa 1789-1848*. 9. ed. Rio de Janeiro: paz e Terra, 1996.

inclusive por meio de secreto acordo com a França, a fim de ambos anexarem Portugal. As tropas francesas declararam desconhecer qualquer tratado, depois de terem passado sem qualquer resistência por toda a Espanha.

O soberano espanhol Carlos IV, antes abdicado, se empenhava para retornar ao trono, mas juntamente com seu filho, Fernando VII, foi feito prisioneiro de Napoleão em Bayonne. Alegando que a soberania, como fonte originária de poder, deveria retornar ao povo na falta do rei, o movimento político organizado no Ayuntamiento de Móstolis espalhou-se pela Espanha. Em um front, demonstrou ser uma guerra de independência contra o inimigo externo; em outro, chegou a ser classificado como a primeira “revolução liberal” na Península Ibérica.

Todavia, a mudança de ordem, que não houve, nem poderia haver na Espanha, ia acontecendo, de fato, nas colônias americanas <sup>7</sup>. O Levante de Dois de Maio de 1808, marcando o início da fase conhecida como “A Insurreição Espanhola”, encorajou os *criollos* latino-americanos a romperem com a metrópole, apelando à mesma norma de soberania popular na ausência do rei legítimo. Mais tarde, as campanhas legislativas e militares para as independências das colônias abriram caminhos à formação de repúblicas que atenderiam aos projetos liberais das burguesias nacionalistas, associadas ao capital inglês.

É esse um dos diálogos que oferece *O século das luzes*, povoado de acontecimentos e sujeitos com existência registrada pela historiografia, mas estribado na imaginação autoral e popular. Por isso, o romance de Carpentier exige certo arranjo do tempo da história romanesca, um pouco divergente da ordenação de seu discurso <sup>8</sup>. Seguindo tal propósito, esclarecemos que, ao princípio da diegese, o narrador faz-se verbo onisciente intruso, para nomear um mundo construído com as vidas de Carlos e Sofia — filhos de um mercador cubano, falecido em 1791 — e do sobrinho desse, Estêvão.

Os jovens alimentam suas idéias vanguardistas com a chegada de Victor Hugues a Havana. O ser histórico morre na página impressa e o ser ficcional assume com maior liberdade as suas funções de jacobino, a serviço da Revolução, e

---

<sup>7</sup> Cf. PORTUONDO, José Antonio. Literatura e sociedade. In: FERNÁNDEZ MORENO, César (Org.). *América Latina e sua literatura*. São Paulo: Perspectiva, 1972. p. 403-418.

<sup>8</sup> Utilizamos diegese e história para fatos representados segundo sua ordenação cronológica, enquanto narração e discurso designam a sua sucessão conforme a ordem em que se distribuem no texto. Cf. GENETTE, Gérard. *Discurso da narrativa*. Lisboa: Vega, 1995.

encarregado de abolir a escravidão negra no Caribe. O objetivo é alcançado através de células da Maçonaria, da qual faz parte o médico que embarca, com Sofia e Estêvão, para acompanhar o francês à Colônia Santo Domingo. A moça fica em Santiago de Cuba, pois sua ida a Port-au-Prince pode ser perigosa: lá, escravos rebelam-se.

A onisciência do narrador passa a ser seletiva, centrando seu foco indiretamente em Victor e, diretamente, em Estêvão, para depois se deter nessa última personagem. A narrativa é enriquecida por preciosas descrições geográficas, que encontram requintes na topologia caribenha, na cor de suas águas, nas variadas fauna e flora, nos “esplêndidos matizes de um princípio de outono, novidade maravilhosa para quem vinha das ilhas onde as árvores ignoravam a passagem do verde às sangrias e às sépias, tudo era alegria de bandeiras, florescer de *cocardes* e divisas, flores oferecidas nas esquinas, leves rebuços” (p. 99-100).

De um mundo aquático e tropical, o narrador dirige-se, com aquelas duas personagens masculinas, ao frio mundo de cimento europeu. Os homens se estabelecem em Paris, de onde o cubano viaja para a Espanha, em frustrada tentativa de sedimentação dos ideais revolucionários. Atendendo a pedido de Victor, o moço vai acompanhá-lo nos movimentos da conquista de Guadalupe. Nesse ponto em que o discurso retroage, também retrocedemos nós, para só então compreendermos o seguinte fragmento, a anteceder o capítulo primeiro: “Esta noite vi a Máquina se alçar novamente. Era, na proa, como porta aberta sobre o vasto céu que já nos trazia cheiros de terra por sobre um Oceano tão sossegado, tão dono do ritmo, que a nave, levemente levada, parecia adormecer no rumo, suspensa entre um ontem e um amanhã” (p. 15).

Exemplificado anteriormente por sua frase de abertura, esse preâmbulo passa a ser incorporado ao tempo da história romanesca. Antes anônimo, o texto apresenta-se agora como um dos trabalhos de Estêvão, em sua missão de escriba da esquadra. A fragilização do controle autoral é brilhante e sutilmente tratada, pois o jogo ilusório dá a entender que, em lugar não-determinado no tempo suposto real, o escrito fora encontrado pelo narrador, sendo então inserido à frente e fora do discurso. Embaralhando os tempos, o autor reveste esse “achado” de um enganoso sentido de veracidade e liga o passado do romance com as próprias complexidades de seu texto:

Atrás ficava uma adolescência cujas paisagens familiares me eram tão remotas, ao fim de três anos, como remoto me era o ser doente e prostrado que eu havia sido antes que Alguém nos chegasse, certa noite, envolto num trom de aldravas; tão remotos como remoto me era a testemunha, o guia, o

iluminador de outros tempos, anterior ao fosco Mandatário que, recostado na amurada, meditava junto ao negro retângulo fechado em sua capa de inquisição, oscilante como fiel de balança ao compasso de cada onda... A água era clareada, às vezes, por um brilho de escamas ou a passagem de alguma coroa errante de sargaços (p. 16).

Ao navegar sobre novas e belas descrições do cenário caribenho, o narrador monta um esquema ficcional que permite a Estêvão e Victor enfrentarem os ingleses e piratas. Retiradas de narrativas históricas e cantadas por romances de aventura, as personagens são paralelas à extravagância formal do discurso. A despersonalização da história, entretanto, volta a ceder espaço à verossimilhança, através da inclusão dos fundamentos filosóficos e ideológicos que a disseminada Revolução Francesa foi adquirindo: o respeito às leis, o conceito de nação e o direito à propriedade.

Victor Hugues administra os bens dos emigrantes, as finanças públicas, o armamento dos corsários e o monopólio das alfândegas em Guadalupe. Culpado pela declaração de guerra aos Estados Unidos, e acossado pela possibilidade de ataque norte-americano, convence Estêvão a tomar o mesmo rumo que depois seguiria. Chegando à Guiana, o rapaz é informado das ações de Jeannet, agente do Diretório, e das precárias condições das cidades de Kurú, Conanana e Iracubo, onde os deportados são submetidos a uma espécie de morte lenta.

Nessa situação, encontra-se Jean-Marie Collot D’Herbois, o qual adentra ao mundo fictício com os mesmos atos condenatórios exercidos, no passado, pelo sujeito histórico que o inspira: os fuzilamentos de Lyon. Jeannet é destituído e Burnel vem a ser nomeado para seu lugar. O novo agente, para aplacar a confusão que reina em Caiena, manda buscar Billaud, influência útil ao passaporte obtido por Estêvão, para cruzar ao Suriname, onde atua como “agente comercial” do governo, sendo incumbido de convidar o povo à revolução.

Depois, Estêvão empreende novamente a sua particular odisséia, para que o narrador deslize com precisão de detalhes por lugares ainda não descritos, como as “Bocas do Dragão, devoradoras de tantas expedições que haviam abandonado as águas salgadas pelas doces, em busca daquela Terra da Promissão novamente movediça e evanescente [...] que acabou por se esconder para sempre por trás do espelho frio dos lagos da Patagônia” (p. 259). Ao retornar a Havana, Estêvão é recebido por Sofia, mulher que o esperou, mas não por muito tempo. Na sua ausência, essa Penélope

cubana havia casado com Jorge O'Farrell, um descendente de irlandeses, cuja presença marca a intertextualidade com o ser histórico rerepresentado por James Joyce, em *Ulysses*.

O narrador então estrutura um sumário para o Odisseus cubano reinterpretar suas andanças, de modo que a volta à casa desvenda o desmoronamento do mundo idealizado pelo herói, assim como a descrença acomoda o primo Carlos aos confortos de uma próspera vida de comerciante. Localizada entre as posições dessas duas personagens, Sofia compreende a situação com o sentido feminino, pressentindo que sua ação é esperada, pois Victor Hugues deixará a mulher na França e viajará para a América, a fim de assumir o posto de agente do Diretório em Caiena.

Depois que Jorge O'Farrell adoece e morre, o foco narrativo direciona-se a Sofia, que toma o rumo do Oceano e chega a Caiena, onde se decepciona com o francês. Feito agente do Consulado, Victor abdica de suas idéias iniciais, sufocando possíveis rebeliões, para atender às novas leis napoleônicas. O relacionamento afetivo entre o casal havia iniciado em Havana, tendo se consumado naquele navio, em Santiago de Cuba, onde a cubana ficara ancorada. O segredo de que ela cubana havia se envolvido com um jovem oficial francês, mantido até as proximidades do final da diegese pelo narrador, converte a técnica do suspense no golpe de mestre do autor.

O ato amoroso e a viagem para Bordeaux fazem com que a mulher se liberte de um longo processo alienatório: inabitada, e depois decidida, estende o símbolo da sua libertação à terra americana. Enquanto isso, a tessitura narrativa desamarra os laços com as personagens até então privilegiadas, passando por uma mudança de foco narrativo. Na casa antes ocupada por Estêvão e Sofia em Madrid, é Carlos quem passa a narrar, dando ciência de uma longa elipse (1803 a 1808), por meio dos vários depoimentos que colhe e relata. Permite assim a recomposição do período compreendido entre a partida da cubana e sua morte, com o primo, no Levante de Dois de Maio de 1808.

O triângulo Estêvão-que-amava-Sofia-que-amou-Victor tem seu desfecho suspenso pelo narrador, o qual transfere, a Carlos, o impossível deslindamento de certas verdades. Uma vez que a continuação da vida desse narrador-personagem converte-se em um espaço vazio, seu destino corresponde ao lugar que ocupou, como ilha secundária de um arquipélago atorial. O final em aberto é necessário para reincluir o filho do mercador neste romance que navega por vários espaços e começa no

momento de sua viagem para enterrar o pai.

A perda da primeira referência do processo identitário vincula-se ao retorno a Cuba, tão suspenso como suspensa esteve esta obra de arte, várias vezes referida no texto: “Trancada a última porta, o quadro da *Explosão numa catedral*, esquecido em seu lugar [...] deixou de ter motivo, apagando-se, tornando-se mera sombra no encarnado escuro do brocado que cobria as paredes do salão e parecia sangrar onde alguma humidade manchara o tecido” (p. 362). Ao mesmo tempo, tal expediente honra e nega uma convicção teórica revista ou reafirmada desde a *Poética* de Aristóteles: de que a narrativa é o império da necessidade, onde cada acontecimento deve dar à luz outro (s).

Nesse intento, o autor aparece fora do discurso, sem necessariamente deixar de tomar parte na história; dá-se a conhecer através da metalinguagem externa, exemplificada pela epígrafe inicial, retirada do *Livro de Zohar*: “As palavras não caem no vazio” (p. 15). Também para a composição do livro em tela, Carpentier dá ênfase à visibilidade do vermelho, tomando por modelo a série “Desastres de la Guerra”, de Goya. Do mesmo pintor, procedem outras epígrafes, responsáveis por aberturas de algumas seções narrativas e pela configuração da metalinguagem interna.

A instância autoral, da mesma forma, imiscui-se interna ou externamente, em digressões e atitudes dialógicas com as artes, a literatura, a política da Europa e da Latino-América, ou seja, com seu arcabouço cultural. Interferindo nos níveis conotativo e denotativo da linguagem, mostra haver um responsável pelo enunciado, dentro ou fora do qual se manifesta, por mais difícil que possa ser a tarefa de localizá-lo, entre intertextos identificados e ocultos, como estes, firmados com Américo Vespúcio, Cristóvão Colombo<sup>9</sup> e Marco Pólo<sup>10</sup>:

Achava-se Estevão nas Bocas do Dragão, com a alva ainda estrelada, ali onde o Grande Almirante vira a água doce travada em luta com a água salgada, desde os dias da Criação do Mundo. ‘A doce empurrava a outra para que não entrasse, e a salgada, para que a outra não saísse’. Mas aquela água doce, tão caudalosa, não podia provir senão da Terra infinita, o que era muito mais verossímil para os que ainda acreditassem na existência de monstros catalogados por Isidoro de Sevilla, do Paraíso Terrestre. Muito passeado estava aquele Paraíso Terrestre pelos cartógrafos da Ásia e da África, com sua fonte nutriz dos rios magnos. Tão passeado que ao provar da água em

---

<sup>9</sup> Ver: TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América: a questão do outro*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

<sup>10</sup> POLO, Marco. *O livro das maravilhas: a descrição do mundo*. Porto Alegre: L & PM, 1999.

que navegava seu navio, o Almirante achando-a ‘cada vez mais doce e mais saborosa’, descobriu que o rio a que este mar a arrojava havia de nascer do pé da Árvore da Vida. Este pensamento fulgurante o fez duvidar dos textos clássicos (p. 257-258).

Quando o artefato literário de Alejo Carpentier entremeia o discurso ficcional com o historiográfico, autor e obra recobram historicidade. A criatividade, o trabalho com a linguagem, a fantasia, os símbolos e o imaginário, seguramente lhes conferem, pelo menos por certo tempo, um lugar especial na cabeceira do leitor e na recepção de uma literatura cuja delimitação faz-se tarefa tão tenebrosa quanto a dos gêneros narrativos. É assim que, desde a seleção e organização do referente re-apresentado pelo mundo diegético, podemos contribuir ao questionamento do status de cientificidade da historiografia, e até hoje querendo se sustentar, por incrível que pareça<sup>11</sup>.

Por outro viés, e a tempo ainda de não assistirmos aos anunciados funerais da história, reconhecemos a sua construção discursiva, da qual dão prova os diversos trabalhos historiográficos que tratam dos fatos, temas e assuntos trazidos a lume pela narrativa ficcional em destaque. Muitos deles divergem da seleção aqui operada, constituindo outras maneiras de ver o mundo caribenho à passagem do século XVIII para o XIX. Porém, isso já constituiria matéria para historiadores, os quais poderiam, além de discutir as temporalidades históricas, proceder a abordagens que privilegiassem os domínios da filosofia da história, da história do imaginário, das ideologias, da teoria das revoluções etc.

Não é o caso deste artigo, ao focar uma obra da literatura latino-americana cuja riqueza textual levou-nos a descartar, desde logo, quaisquer possibilidades de que o texto viesse a servir como mero pretexto para mais uma produção acadêmica. Driblando ímpetus taxonômicos daquela historiografia literária agrilhoada às especificidades de gêneros e períodos, o romance sob análise associa-se à

---

<sup>11</sup> Ver: FEYERABEND, Paul. *Contra o método*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989. KUHN, Thomas. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva, 1992. LAKATOS, Imre. O falseamento e a metodologia dos programas de pesquisa científica. In: LAKATOS, Imre; MURSGRAVE, Alan (Orgs.). *A crítica e o desenvolvimento do conhecimento*. São Paulo: Cultrix, 1979. p. 109-243. NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Gaia ciência*. Lisboa: Guimarães, 1977. POPPER, Karl. *Conjecturas e refutações: O progresso do conhecimento científico*. 2. ed. Brasília: Ed. da UnB, 1982. POPPER, Karl R. A ciência normal e seus perigos. In LAKATOS; MURSGRAVE. Op. cit. p. 63-71. SANTOS, Boaventura de Souza. *Introdução a uma ciência pós-moderna*. Porto: Afrontamento 1993. SANTOS, Boaventura de Souza. *Um discurso sobre as ciências*. Porto: Afrontamento: 1995.

vertiginosa contaminação do discurso romanesco da contemporaneidade. Matiza-se pela transgressão dos códigos, normas e regras, ao quais se viam amarrados, e ainda se vêem, certos estudiosos embebidos do espírito historicista ou positivista do século XIX.

Por meio da disposição textual de vários discursos, relacionados a eventos ocorridos em distintos espaços da América Latina, Carpentier dialoga com tempos pretéritos, veiculados, sim, em suas textualidades complexas. A ênfase nas estratégias de construção narrativa do destacado escritor permite-nos desautorizar aquelas visões teóricas que, entre outras coisas, vêm conflitando, por um lado, com a produção romanesca; por outro, com o pensamento teórico das humanidades, desde o alvorecer do século XX, pelo menos.

A presente leitura da ficção parece relampejar como uma outra maneira, em nada inédita, de ler, escrever e reler a historiografia, sem negar sua histórica existência. A possibilidade de clarear a história pelo avesso, ou seja, esclarecê-la com um clarão refulgente,<sup>12</sup> sem significar mera iluminação, é oferecida pelo romance *O Século das Luzes*. Nesse livro, tão plural quanto a revolução que lhe dá vida, buscamos atentar à revisão, ao que parece, igualmente operada pelo escritor franco-cubano, dos conceitos de igualdade, liberdade e fraternidade.

## REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. *Poética*. Tradução, prefácio, introdução, comentário e apêndices de Eudoro de Souza. Porto Alegre: Globo, 1966.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. 7. ed. Trad. por Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BHABHA, Homi K. *The location of culture*. London: Routledge, 2001.

CARPENTIER, A. *El siglo de las luces*. Madrid: Alianza, 2003

CARPENTIER, Alejo. *O século das luzes*. Trad. por Stella Leonardos. 2. ed. Rio de Janeiro: Labor do Brasil, 1976. (Primeira publicação em 1962).

---

<sup>12</sup> BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. 7. ed. Trad. por Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.

- FERNÁNDEZ MORENO, César (Org.). *América Latina e sua literatura*. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- FEYERABEND, Paul. *Contra o método*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989.
- GAY, Peter. *O estilo na história: Gibbon, Ranke, Macaulay, Burckhardt*. Trad. por Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- GENETTE, Gérard. *Discurso da narrativa*. Trad. por Fernando Martins. Lisboa: Vega, 1995.
- HALPERÍN DONGHI, Tulio. *Historia de América Latina*. Madrid: Aguilar, 1983.
- HOBBSAWM, Eric. J. *A era das revoluções: Europa 1789-1848*. 9. ed. Trad. por Maria Tereza Lopes Teixeira e Marcos Penchel. Rio de Janeiro: paz e Terra, 1996.
- HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção*. Trad. por Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- JOSEF, Bella. *História da literatura hispano-americana*. 4. ed. rev. aum. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ; Francisco Alves, 2005.
- KUHN, Thomas. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- LAKATOS, Imre; MURSGRAVE, Alan (Orgs.). *A crítica e o desenvolvimento do conhecimento*. São Paulo: Cultrix, 1979.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Gaia ciência*. Lisboa: Guimarães, 1977.
- POLO, Marco. *O livro das maravilhas: a descrição do mundo*. Porto Alegre: L & PM, 1999.
- POPPER, Karl. Popper, Karl R. *Conjecturas e refutações: O progresso do conhecimento científico*. 2. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1982.
- SANTOS, Boaventura de Souza. *Introdução a uma ciência pós-moderna*. 3. ed. Porto: Afrontamento 1993.
- SANTOS, Boaventura de Souza. *Um discurso sobre as ciências*. 7. ed. Porto: Afrontamento: 1995.
- TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América: a questão do outro*. Trad. por Beatriz Perrone Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- ZAVALLA, Silvio. *El mundo americano en la época colonial*. México: Porrúa, 1967. 2 v.